



## O PENSAMENTO DE HERÁCLITO NA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Para se entender a importância do pensamento do Heráclito, conhecido como obscuro, devido à linguagem simbólica da qual fazia uso para expressar suas máximas, e também como pai do processo dialético, no contexto psicológico junguiano é necessário contextualizar as raízes deste pensamento, bem como, demonstrar sua influência situando-o no desenvolvimento da teoria elaborada por Jung. É importante analisar o que em Jung é dinâmica<sup>1</sup> da psique e o que é estrutura<sup>2</sup> da psique. Ao considerar-se a dinâmica a atenção se lançará sobre elementos tais como: energia psíquica (libido), dialética, etc. e ao ser considerado a estrutura, estará se cogitando acerca do arquétipo, da individuação, etc. Jung lançou seu olhar aos pensamentos filosóficos de Heráclito, Schopenhauer e Hegel, principalmente, ao abordar a dinâmica; e, mais detidamente em Platão, Kant e Nietzsche, quando se volta para a estruturação da psique.

Esta abordagem dará enfoque ao pensamento de Heráclito e suas contribuições à psicologia junguiana. Para tanto, é preciso considerar que Heráclito, que viveu no séc. VI a.C., sustentava que a “realidade está em continuo devir”. MONDIN (1976, p. 305) comenta que:

Devir significa condição de mutação, de mudança. (...) Heráclito (...) [tem] uma concepção profundamente dinâmica do ser, (...) Mas é grave erro contrapor o devir ao ser, porque o devir não é outra coisa senão uma modalidade do ser, modalidade

<sup>1</sup> **Dinâmica:** “1. Respeitante ao movimento e às forças, ou ao organismo em atividade. (...)” (Dicionário Aurélio eletrônico, 3.0, Lexikon informática LTDA, nov., 1999, 1 CD-ROOM), e “(...) 2 Diz-se de todo organismo vivo, em virtude de ser fonte da energia particular que constitui a vida. (...)”(DICMAX – Michaelis Português. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 1.0, DTS Software Brasil LTDA, fev., 1998, 1 CD-ROOM).

<sup>2</sup> **Estrutura:** “(...) 6. A disposição dos elementos ou partes de um todo; a forma como esses elementos ou partes se relacionam entre si, e que determina a natureza, as características ou a função ou funcionamento do todo. (...)” e “(...) 8. Conceito teórico das ciências humanas e sociais do século XX (como a lingüística, a psicologia, a antropologia e os estudos literários), formulado diversamente segundo os distintos autores e correntes, mas cujo núcleo é a formalização da idéia de estrutura (6 e [...]) como um sistema de relações abstratas que forma um todo coerente, que subjaz à variedade e variabilidade dos fenômenos empíricos, e é tomado como atributo interno da realidade, constituindo, por isso, objeto privilegiado da análise. (...)” (Dicionário Aurélio eletrônico, 3.0, Lexikon informática LTDA, nov., 1999, 1 CD-ROOM).



que o acompanha necessariamente quando o ser se encontra, como todos os entes finitos e criados, em condição de não inteireza e a caminho de sua realização. Mas não é erro menos grave identificar o devir com o ser, porque se o ser é realmente mero devir, então o devir é louca ilusão, aparência inconsistente, como afirmava Parmênides.

Se o devir pode ser entendido como sendo uma “modalidade do ser”, ou seja, uma forma de manifestação de um potencial (de uma energia), e não “o ser em si” (o sujeito) capaz de propiciar condições à mudança e tendo por natureza uma concepção profundamente dinâmica faz-se crer que este fenômeno<sup>3</sup> tem características psicológicas, se isto ocorre, é possível estabelecer um paralelo com o pensamento de Jung quando este, abordando o conceito de energia psíquica, propõe que “*Todos os fenômenos psicológicos podem ser considerados como manifestação de energia, (...). Chamo-a libido, no sentido original do termo, (...)*” (JUNG, CW 4, par. 567), de modo que esta energia passa a denotar “*(...) um desejo ou impulso que não é freado por qualquer tipo de autoridade, moral, ou o que quer que seja.*” (JUNG, CW 5, par. 194). Portanto, Jung percebe esta energia como sendo uma “matriz e nutriz” das mudanças e transformações psíquicas que se voltam para a realização, tal como Heráclito. Assim sendo, a realidade passa a ser compreendida, por ambos os pensadores, como sendo o próprio processo de mudança.

Para compreender melhor o universo do qual Heráclito se origina, é preciso tomar por base que suas influências se devem ao pensamento grego do séc. VI a.C. Época na qual se desenvolveu, notadamente em Mileto, a chamada “Escola Jônica” cujas principais doutrinas tinham por finalidade dar expressão filosófica ao, então chamado, “problema da existência de uma causa suprema de tudo”, cuja caracterização se dava através dos elementos naturais ou materiais: ar, água, fogo... Este aspecto estrutural do pensamento de Heráclito, é encontrado no conceito estrutural da psique junguiana, quando Jung afirma que “*O inconsciente coletivo contém toda herança espiritual da evolução da humanidade, nascida novamente na estrutura cerebral de cada indivíduo.*” (JUNG, CW 8, par. 342). Jung, assim como Heráclito, busca uma explicação causal para os fenômenos que não podem ser explicados por meio da experiência pessoal chegando a afirmar que quanto maior é a conscientização dos conteúdos do inconsciente, mais rico ele se revela.

Deste modo, surge uma consciência que não é mais presa ao egóico mundo mesquinho, supersensitivo e personalista, mas que participa amplamente do mundo maior dos interesses objetivos. Esta consciência ampliada não é mais aquele feixe de desejos pessoais melindrosos e egoísticos, de temores, esperanças e ambições que têm sempre de ser compensadas ou corrigidas por contratendências inconscientes; pelo contrário, é uma função de relacionamento com o mundo dos objetos, que leva o indivíduo a uma comunhão absoluta, compromissada e indissolúvel com o mundo em geral.” (JUNG, CW 7i, par. 275).

---

<sup>3</sup> **Fenômeno:** “Para Kant, o fenômeno é o objeto do nosso conhecer, um objeto que sendo síntese de um contributo subjetivo (as formas e as categorias) e de um objetivo (os estímulos produzidos pelas coisas sobre os nossos sentidos) é nitidamente diferente das coisas, que em si mesmas permanecem incognoscíveis (*noumenon*). (...)” (MONDIN, 1976, p. 307).



Prosseguindo na contextualização histórico-cultural, à época de Heráclito, destacaram-se pensadores como Tales – com o princípio de que todas as coisas deviam sua procedência à condensação ou rarefação, tendo por representação a água; Anaxamandro que lança como o princípio primeiro o que chamou de algo indeterminado (*opeiron*) em que o contínuo movimento determina na matéria, por intermédio de um contínuo movimento de separação, os opostos; Anaxímenes que expressa esse princípio do contínuo movimento através do elemento ar. Neste contexto é que surge Heráclito com o princípio do devir, tendo no fogo seu elemento representacional e acrescenta que a unificação dos múltiplos (ou opostos) seria possível a partir do “*logos*”.

Embora este Logos seja eternamente válido, ainda assim os homens são incapazes de compreendê-lo – não só antes de ouvi-lo, mas mesmo depois de tê-lo ouvido. Deveríamos nos permitir ser guiados por aquilo que é comum a todos. Embora o Logos seja comum a todos, a maioria dos homens vive como se cada um tivesse uma inteligência privada. A natureza humana não tem nenhuma compreensão real; só a natureza divina a tem. O homem não é racional; só o que o cerca é inteligente. O que é divino foge à percepção dos homens por causa da incredulidade deles. Apesar de intimamente ligado ao Logos os homens mantêm-se contra ele. Como alguém pode se ocultar daquilo que nunca se estabelece? (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 171).

Em Jung encontra-se também a preocupação com a dinâmica dos opostos. Para este, a colisão dos opostos ativa uma necessidade auto-reguladora da psique através de um processo de compensação que, em última análise, leva à função transcendente. Afirma Jung que “*D[a] colisão dos opostos, a psique inconsciente sempre cria uma terceira coisa de natureza irracional, que a mente consciente nem espera, nem compreende. Apresenta-se sob forma que não é nem um ‘sim’ direito, nem um ‘não’.*” (JUNG, CW 9i, par. 285).

Quando Jung menciona o aspecto compensatório, se preocupa em afirmar que este processo natural tem por finalidade manter a psique em equilíbrio dinâmico, chegando a dizer que “*(...) a compensação inconsciente não se opõe à consciência, sendo antes, um fator de equilíbrio e de suplementação da orientação consciente.*” (JUNG, CW 6, par. 694).” Portanto, se este fator surge como um elemento de suplementação, ele permite à psique alcançar outras formas de percepção da realidade, o que é possibilitado, na visão junguiana, pelo o que o mesmo denomina de função transcendente, assim explicada: “*As tendências do consciente e do inconsciente são os dois fatores que, juntos, compõem a função transcendente. É chamada ‘transcendente’ porque torna organicamente possível a transição de uma atitude para outra.*” (JUNG, CW 8, par. 145).



Heráclito propõe que para se lidar construtivamente com os opostos, faz-se necessário um mediador consciente ao qual se refere como sendo o *Logos*. Não é diferente a percepção junguiana, uma vez que o *Logos* junguiano refere-se ao princípio estrutural da lógica associada ao espírito. Afirma Jung que “*Não há consciência sem discriminação de opostos. Este é o princípio paterno, o Logos, que luta eternamente por desembaraçar-se da calidez e da treva primais do ventre materno, ou seja, da inconsciência.*” (JUNG, CW 9i, par. 178) e complementa o conceito mencionando que: “*Por Logos, entendo discriminação, julgamento, insight; (...)*” (JUNG, CW 14, par. 224). Partindo destes conceitos, é plausível inferir que para ambos os teóricos o “oposto” é relevante e necessário à elaboração da consciência, bem como, este projeto existencial só é possível mediante a mediação de um elemento capaz de permitir discriminações qualitativas e sutis da psique como o “*Logos*” e concordam que a apreensão desta nova realidade desenvolve uma percepção diferenciada que transcende o atual estágio psíquico e que pode ser vivenciado, mas não conceituado pela pura e simples cognição, uma vez que a compreensão, até certo ponto “conceitual”, só se dá através da vivência do “*processo de transcendência*”.

Voltando ao contexto histórico-cultural do qual emerge Heráclito, pode-se dizer que, não obstante, a religião grega já oferecia um arcabouço cultural ao “pensar” de caráter universalista, pois suas bases filosófico-religiosas se deram sobre as concepções desenvolvidas por Homero e Hesíodo. Naquela época distinguiam-se duas religiões: a pública e a dos mistérios. A primeira ganha expressão com Homero que lhe atribuiu um caráter: hierofânico – tudo o que ocorre é obra dos Deuses; antropomórfico – por ser os Deuses “*(...) forças naturais em formas humanas idealizadas, aspectos do homem sublimados, (...)*” (MONDIN, 1977, p. 12); e, naturalista, à medida que os Deuses eram ampliações idealizadas do homem e, portanto, quantitativamente superiores, mas não qualitativamente, assim sendo, “*(...) o homem mais divino é aquele que cultiva com o máximo empenho suas forças humanas, e o cumprimento do dever religioso consiste essencialmente nisto: que o homem faça, em honra da divindade, o que é conforme a sua própria natureza.*” (ZELLER in MONDIN, loc. cit.); mais adiante poderá ser percebido um paralelo entre este pensamento e o conceito de “*individuação*” junguiana. E ainda se caracterizava por não possuir livros sagrados nem dogmas fixos e imutáveis. Esta flexibilidade permitia o dinamismo do pensar filosoficamente.

No mesmo rio nós pisamos e não pisamos.

Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio.

Tudo flui e nada permanece.

Tudo cede e nada se fixa.

As coisas frias tornam-se quentes e as quentes, frias.

O úmido seca, o ressecado umidece.

É pela doença que a saúde dá prazer, pelo mal que o bem apraz, pela fome, a saciedade; pela exaustão, o repouso.

É a mesma e uma só coisa estar vivo ou morto, desperto ou adormecido, jovem ou velho. Em cada caso, o primeiro aspecto torna-se o último, e o último, novamente o primeiro, por uma súbita e inesperada reversão.

Eles se separam e depois se unem novamente.

Tudo vem na estação certa. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 237).



Já a religião dos mistérios, se caracterizava por atribuir ao homem um princípio divino, demoníaco (*daimônion*); que este demônio transcendia à morte física; que o fim dos ciclos reencarnatórios, provocados pela não purificação do aspecto demoníaco, se dá pela prática contínua da purificação. Assim pode ser observado que a religião pública possui uma concepção unitária do existir, enquanto a dos mistérios defende uma concepção dual. Contrariamente à religião pública, a dos mistérios como que impõe uma ascese. Homero se destaca por concentrar seus esforços para descobrir a motivação, a razão dos acontecimentos chegando a ser observado, por WERNER in MONDIN, que Homero não conhece “(...) a mera aceitação passiva de tradições nem a simples narração de fatos, mas somente o desenvolvimento interno e necessário da ação, de fase em fase, nexo indissolúvel entre causa e efeito.(...)” (1977, p. 14), o que culmina com o fato de que a realidade passa a ser considerada por meio da sua totalidade; conceito também desenvolvido na teoria junguiana como veremos mais adiante.

Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, saciedade e desejo.

A água do mar é muito pura e, ao mesmo tempo, muito suja: é bebível e saudável para os peixes, imbebível e mortal para os homens.

A natureza do dia e da noite é uma só.

A subida e a descida são uma e a mesma.

Mesmo os que estão adormecidos trabalham e colaboram com o que acontece no universo.

No círculo, o princípio e o fim são comuns. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 85)

Esta totalidade também é percebida por Hesíodo, que por meio de sua Teogonia, forneceu as bases para o pensamento cosmológico, uma vez que propõe que do Caos, *que contém todas as coisas*, foi gerado o universo. Porém cabe ressaltar que o pensamento em Hesíodo e Homero é mitológico, enquanto que o de Tales e Heráclito é exercido pela razão, pelo *logos*.

Jung também percebeu a totalidade e a conceituou a partir da conjunção dos opostos, tal qual Heráclito. O estado no qual consciente e inconsciente encontram-se harmônicos é a totalidade; em termos de individuação, cuja finalidade é a conexão com o *self*,<sup>4</sup> Jung propõe uma *coniunctionis* entre os contrários: desejo e busca da perfeição.

A realização do self, que seria uma conseqüência lógica do reconhecimento de sua supremacia, leva a um conflito fundamental, a uma suspensão real entre os opostos (semelhante ao Cristo crucificado, pendurado entre dois ladrões) e a um estado apaixonado de totalidade, que não é perfeito (...) O indivíduo pode ansiar pela

---

<sup>4</sup> **Self:** “O self não é somente o centro, mas também a circunferência total, que abarca tanto o consciente quanto o inconsciente; é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência.” (JUNG, CW 12, par. 44).



perfeição (...) mas deve sofrer o oposto de suas intenções, a fim de tornar-se completo. (JUNG, CW 6, par. 123).

Conforme Jung, “*A coniunctio é uma imagem a priori que ocupa um lugar de destaque na história do desenvolvimento mental do homem.*” (JUNG, CW16, par. 355). A equivalência deste conceito, onde a dualidade conflitua, positivamente, com a unicidade, encontra-se nos fragmentos, ricos em alegorias lingüísticas, escritas por Heráclito, nas percepções místico-religiosas e públicas-religiosas contemporâneas ao teórico Heráclito e, a título de maior aprofundamentos, também podem ser encontrados nos conceitos alquímicos e sob nomenclaturas diversificadas como, p. ex.: *unio mystica, coincidentia oppositorum, complexio oppositorum, unus mundus*, etc.

Partindo deste contexto histórico-cultural, pode-se compreender melhor quais pensamentos e que momento filosófico serviu de substrato para que Heráclito desenvolvesse suas idéias. Sua principal contribuição é a experiência do devir, pois “tudo é vir-a-ser, tudo muda, tudo se transforma”. Segundo este pensamento, nada é permanente, pois o vir-a-ser não pode ser decomposto.

Em seus momentos despertos os homens são tão negligentes e descuidados com aquilo que os circunda como o são quando adormecidos.

Tolos! Embora ouçam, são como surdos; a eles aplica-se o adágio: mesmo presentes estão sempre ausentes.

Não se deve agir ou falar como os que dormem.

Os despertos têm um mundo em comum; os adormecidos, cada um o seu próprio mundo privado.

Tudo o que vemos quando desperto é morte, quando adormecidos são sonhos. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 35).

E é exatamente pelo fato de que o devir não pode ser decomposto, que ele se torna totalitário, único, porém devendo sua existência ao *conflito*, que na abordagem junguiana revela-se “(...) *aparentemente insuportável*, [mas que na verdade] *é uma prova da retidão da sua vida.*”, uma vez que “*Uma vida sem contradição interior é uma vida pela metade ou uma vida no além, que é destinada somente aos anjos: mas Deus ama os seres humanos mais do que os anjos.*” (JUNG, vol. 1, p. 375).

No entanto, Heráclito entende que até mesmo o devir obedece a uma lei e que a causa do devir é homogenia a ele mesmo. Heráclito atribui ao fogo o elemento representativo do devir, uma vez que o fogo é fruto da combustão de outros elementos que ao mesmo tempo em que deixam de existir dão existência, se transformam noutro elemento, o fogo. O fogo também é movimento: expansão e contração, rarefação e condensação. O pensador diz que o que regula os movimentos é o *logos* (razão universal) acarretando a auto-regulação.



Quando alguns visitantes inesperadamente encontraram Heráclito aquecendo-se diante do fogo, ele lhes disse: Os deuses estão aqui também.

Eu mesmo os procurei.

O tempo é uma criança movendo as peças de um jogo; o poder real é o da criança.

O fanatismo é o mal sagrado. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 127).

Ao se observar o pensar junguiano, irá se concluir que uma das maiores contribuições de Jung é sua crença no fato de que todo conflito é regido por uma lei maior e que, portanto, tem uma finalidade intrínseca. Pois se for possível vivenciar os momentos de tensão, num nível consciente, ocorrerá como resultante deste processo à resolução do conflito, uma vez que, como já mencionado, o psiquismo é auto-regulador. Importante, ainda, é compreender que tais resoluções são de natureza irracional e imprevisível, porém é altamente salutar produzindo uma sensação de equilíbrio e libertação capaz de permitir o “fluir da energia psíquica” (ação transcendente), isto gera, ao mesmo tempo, uma nova atitude em relação a si mesmo e à situação externa, bem como, um novo movimento em direção a novas fronteiras do conhecimento (ação dialética). E todo este processo só é possível se houver um ego suficientemente forte para suportar os períodos de tensão, papel este desempenhado pelo *Logos*.

O mesmo pensamento é encontrado em Heráclito. MONDIN afirma que o *logos* referido por Heráclito diz respeito a uma realidade não “(...) transcendente nem uma inteligência fora do mundo, mas algo de imanente, uma lei intrínseca, existente nas coisas. Esta lei imanente nas coisas é, para Heráclito, o Deus único.” (1977, p. 26).

Não seria melhor se as coisas acontecessem aos homens exatamente como eles querem.

A menos que você espere o inesperado jamais encontrará a verdade, porque ela é difícil de descobrir e difícil de se alcançar.

A natureza ama se esconder.

O Senhor, cujo oráculo está em Delfos não fala nem se cala – mas dá sinais. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 219).

Heráclito começa a distinguir-se da Escola Jônica quando propõe que o devir “(...) é sempre resultado de uma luta entre pólos opostos, entre contrários: o devir é essencialmente unidade de polaridade.” (MONDIN, 1977, p. 26); deste modo, a realidade passa a ser a contínua interação dos opostos. No entanto, esta concepção só pode ser apreendida por meio do *logos*, pois para Heráclito o conhecimento só é possível ou pela sensação – que considera não digna de fé, ou pela razão – entendendo que a razão é judiciosa e divina.

A harmonia oculta é superior à aparência.

A oposição traz concórdia. Da discórdia nasce a mais bela harmonia.

É na mudança que as coisas encontram repouso.



As pessoas não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda.  
Há uma harmonia de tensões contrárias assim como a do arco e a da lira.  
O nome do arco é vida, mas sua função é a morte. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 11).

MONDIN diz que Heráclito propõe que o meio mas eficaz de tornar um homem sábio e feliz é à busca do “(...) *conhecimento de si mesmo, porque o conhecimento de si mesmo leva ao Logos, que age na alma.*” e completa, “*O homem aproxima-se do Logos percorrendo a via ascendente da verdade e não a via descendente do prazer.*” (1977, p. 27).

É próprio a todos os homens o conhecer a si mesmo e ser moderado.  
Ser moderado é a maior virtude.

A sabedoria consiste em falar e agir segundo a verdade, observando cuidadosamente a natureza das coisas.

Ouvindo a mim, embora não ouça o Logos, é sábio admitir que todas as coisas são uma só.

A sabedoria é uma só – conhecer a inteligência pela qual todas as coisas são dirigidas por todas as coisas.

A sabedoria é una e única; relutando e todavia almejando ser chamada pelo nome de Zeus. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 59).

Outro ponto relevante do pensamento do Heráclito é que a vida moral só encontra expressão e sentido quando participa da vida da *polis*, pois é preciso que os interesses coletivos se sobreponham aos individuais. Ainda no tocante ao aspecto coletivo, MONDIN faz referência ao fato de que no pensamento de Heráclito “‘(...) *as leis humanas são alimentadas pelo ser divino, que governa como quer e que basta a tudo*’. *As leis humanas, enquanto exprimem a lei universal do Logos, têm um valor transcendente que merece o respeito de todos os homens.*” (1977, p. 27).

Este universo que é o mesmo para todos, não foi feito por nenhum deus ou homem, mas sempre existiu, existe e existirá – um fogo eternamente vivo, que ascende a si próprio por medidas regulares e se apaga por medidas regulares.

As fases do fogo são o desejo e a saciedade.

O sol é novo a cada dia. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 195).

Para Jung, esse “viver social” é um “viver coletivo”, sendo assim, a cultura é o campo experimental e vivencial dos aspectos coletivos da psique de tal sorte que uma qualidade coletiva adere a elementos e conteúdos psíquicos. Jung dá tanta importância ao aspecto coletivo que chega a afirmar que “*Tanto a identificação com o coletivo como*



*a segregação voluntária dele são igualmente sinônimos de doença.*” (JUNG, CW 7, par. 485); noutra passagem Jung diz que *“A personalidade consciente é um seguimento mais ou menos arbitrário da psique coletiva. Consiste em uma soma de fatores psíquicos que são sentidos como se fossem pessoais.”* (Op. cit., par. 244)

MONDIN (1977, p. 27) resgata, em Heráclito, outro pensamento significativo que retrata que o homem é responsável por seu próprio destino a partir do fato de que é o homem que decide que caminho deve seguir.

Um bêbado precisa ser conduzido por um menino, a quem segue cambaleando, sem saber para onde vai, pois sua alma está úmida.  
As almas sentem prazer em se tornarem úmidas.  
Uma alma seca é mais sábia e melhor. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 151).

Jung se aproxima do pensamento acima, no que tange a escolha do destino, quando afirma que durante o processo de individuação *“A meta é importante somente enquanto idéia; o essencial é o opus que conduz à meta: isto é a finalidade da vida.”* (JUNG, CW 16, par. 233) Portanto, para que o processo de individuação cumpra sua finalidade é necessária uma atitude consciente e decisiva que mova o indivíduo, na direção de uma realização do self como uma realidade psíquica maior do que o ego, pois esta finalidade maior consiste no fato de que o *“(...) processo de individuação é a síntese do self.”* (JUNG, CW 9i, par. 278), o que mais uma vez se traduz num processo dialético.

Por fim, cabe registrar que a crítica que se faz à doutrina de Heráclito se volta para o fato de que ele não aprofunda o conhecimento sobre as raízes extrínsecas do devir, aspecto que é, mais tarde, abordado por Aristóteles que, segundo MONDIN, afirma *“(...) que todo devir supõe uma causa eficiente e uma causa final, diferentes do próprio devir.”* (1977, p. 28), o que, por sua vez, coincide com a percepção de Jung de que esta causa eficiente e causa final encontram paralelo no papel desempenhado pelo self, como causa eficiente; no nascimento da consciência, como causa final e no processo de individuação, como elemento correspondente às forças do devir; formando assim a tríade hegeliana do processo dialético: tese, antítese e síntese.

Não façamos conjecturas arbitrárias sobre os grandes temas.  
Muito aprendizado não ensina compreensão.  
Os que buscam ouro cavam muita terra e pouco encontram.  
Você não poderia descobrir os limites da alma mesmo que para isso percorresse todas as estradas – tal é a profundidade de seu significado. (HERÁCLITO in OSHO, 1976, p. 105).



Deste modo, pode-se postular que Heráclito instrumentaliza o pensamento junguiano no que concerne o elemento experimental de sua produção clínica.

## BIBLIOGRAFIA:

- CW 4. **JUNG**, Carl Gustav. “*Freud e a psicanálise*”. Petrópolis: Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_. “*Símbolos da transformação*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 5.
- \_\_\_\_\_. “*Tipos psicológicos*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 6.
- \_\_\_\_\_. “*Psicologia do inconsciente*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 7i.
- \_\_\_\_\_. “*A dinâmica do inconsciente*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 8.
- \_\_\_\_\_. “*Os arquétipos e o inconsciente coletivo*”. Petrópolis: Vozes, 1976. CW 9i.
- \_\_\_\_\_. “*Mysterium coniunctionis*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 14.
- \_\_\_\_\_. “*A prática da psicoterapia*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 16.
- \_\_\_\_\_. “*A vida simbólica*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 18.
- \_\_\_\_\_. “*Cartas*”. Petrópolis: Vozes, 2001. Vol. 1
- OSHO**. “*A harmonia oculta – discurso sobre os fragmentos de Heráclito*”. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MONDIN**, Battista. “*Introdução à filosofia*”. 2ª. ed. rev. aum. São Paulo: Paulus, 1976. 323 p
- \_\_\_\_\_. “*Curso de filosofia*”. 3ª. ed. São Paulo: Paulus, 1977. Vol. 1

---

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: [dr\\_mauricioaranha@yahoo.com.br](mailto:dr_mauricioaranha@yahoo.com.br)